

Título: Considerações entre a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e diversidade sexual.

Resumo

Este trabalho é um estudo empírico que procura compreender as relações entre os usos dos corpos dos sujeitos na Educação de Jovens e Adultos, e as possibilidades desses usos como ferramentas de aprendizagem. A partir da análise que fazemos sobre a importância do corpo e de uma investigação sobre como essas práticas tem sido abordadas dentro de uma instituição de uma Escola de EJA da cidade de Vitória, trazemos a discussão e análise desses dados, e a relação com outras áreas de conhecimento buscando o diálogo nessa perspectiva.

1- Introdução

O artigo visa pensar as relações entre sujeitos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e seus corpos como campo de possibilidades de aprendizagem, trazendo para isso a discussão com a Educação Popular. Vivemos a experiência de pesquisadores em uma escola de EJA no município de Vitória, o que nos move a pensar em: Quais são as práticas de ensino que trazem o corpo como campo de possibilidades para as aprendizagens dos estudantes daquela instituição? Será que, nas práticas cotidianas, todos os processos de aprendizagem pressupõem o uso do corpo, ou somente nas aulas de Ed. Física?

2- EJA e diversidade sexual: o movimento Gay como “saída”

Como pensar o discurso da diversidade sexual no discurso da educação de jovens e adultos? A grande mídia, as relações interpessoais nos espaços em que os estudantes se encontram, a própria escola, são espaços, instituições que aqui podemos afirmar que também dificultam a legitimação da diversidade sexual como um elemento importante no debate. Podemos perceber que o senso comum impregnado em muitas pessoas está permeado de preconceitos e discriminações. Dessa forma, no cotidiano de uma escola de jovens e adultos, basta uma pequena turbulência entre os (as) estudantes, para

que esses embates explodam em formato de piadas, apelidos, reações indesejadas por aqueles (as) indivíduos, sujeitos, que por esses e outros motivos, se mantêm, ainda, distanciados não só das instituições escolares, mas da sociedade de modo geral. Assim, as lésbicas, travestis, transexuais, bissexuais, gays, ou seja, toda aquela comunidade intitulada LGBT, que já tem sua marca de luta estampada na sociedade, passa pelo sofrimento através dessas opressões. Estar na escola torna-se um processo sofrido.

O sujeito da EJA, que se assume, que assume sua sexualidade não se reconhece no espaço escolar e, mais que isso, essas situações contribuem para as “idas e vindas” desses estudantes nas escolas, movimento bastante característico na EJA.

O autor Anderson Ferrari (2004) nos ajuda a pensar saídas, pistas para essa discussão, quando relata a história do movimento gay, um movimento de esperança para uma sociedade em que as discussões sobre a sexualidade estavam cada vez mais à tona. Partindo dos movimentos de contracultura, principalmente nos anos 60 do século passado, na Inglaterra e Estados Unidos, foi na década de 70 que esse movimento se caracterizou pela busca de uma nova relação entre a sociedade e os homossexuais. Com a consolidação destas forças no Brasil, Ferrari (2004) caracteriza o movimento como uma saída, como um “espaço de busca de direitos”, estabelecendo uma nova relação entre cultura, sociedade e indivíduos, como também fazendo seus líderes se preocuparem com a formação e informação de seus pares. Dessa forma, o movimento cresce, dedicando-se à educação: aquela que pode levar os sujeitos a um maior entendimento de mundo e, sobretudo, ampliar a discussão para se pensar numa política de identidades, um movimento que “luta por inserir o entendimento da homossexualidade numa perspectiva política e não exclusivamente social e sexual” (Ferrari, 2004, p.359).

Assim, o movimento gay, ampliando a discussão da sexualidade do nível privado para a sociedade, se consolida nas discussões, se constituindo como um espaço educativo, valorizando as identidades, tendo em vista que essas discussões são impregnadas de traços culturais e históricos. E é aí que situamos o debate na EJA.

No que se refere à essa modalidade de educação, a primeira recomendação precisa ser seriamente considerada por todos os envolvidos: gestores e profissionais das escolas. As informações sobre o analfabetismo e a baixa escolarização da população LGBT são inquietantes, visto que se verificam dificuldades de consolidação de políticas educacionais tanto no que se refere ao acesso, quando no que tange à permanência dessas pessoas nas escolas. Não são raros, como já foi tratado aqui, os relatos nos quais homossexuais, transexuais e travestis são hostilizados nos espaços escolares, sobretudo nos momentos e locais nos quais os educadores e educadoras não estão presentes: recreio, pátio, banheiros e até mesmo sala dos professores.

Como não temos todas as respostas, podemos afirmar que esse campo de pesquisa precisa avançar principalmente no debate com a EJA. Esse jovem, esse adulto e esse idoso que ocupa com o corpo, no espaço e no tempo, uma cadeira nas escolas, traz, diferentemente da maioria das crianças, marcas profundas, sobretudo experienciadas com o corpo, que nem sempre são discutidas e vistas pelas escolas. Importante destacar o uso pela comunidade escolas da expressão “opção sexual”. Entendemos aqui que se tratando da diversidade dos sujeitos, não é possível dizer que as pessoas possam fazer escolhas de suas preferências sexuais. Nesse sentido, a expressão também é carregada de significados que precisam ser melhor compreendidos.

3- Uma experiência na cidade de Vitória/ES

A possibilidade de relacionarmos o debate da diversidade sexual à educação popular tendo em vista suas implicações com campo da EJA, nos leva a trazer elementos dos momentos de formação de professores no nosso lócus de pesquisa, a EMEF EJA “Admardo Serafim de Oliveira”. Por se tratar de uma escola

Referências:

SILVA, Jerry Adriani Da. **Um estudo sobre as especificidades dos (as) educados (as) nas propostas pedagógicas de Educação de Jovens e Adultos – EJA: Tudo junto e misturado!** 2010. 191 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

FERRARI, Anderson. **Revisando o passado e construindo o presente: o movimento gay como espaço educativo.** 2004. In < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141324782004000100010&script=sci_arttext> Acesso em 10 de novembro de 2013.

Anotações:

- Necessidade de a sociedade sempre ver o corpo cristalino, aquela que não incomoda. Foucault fala que esse processo é o resultado de uma nova configuração de poder, que nos exige classificar uma pessoa pela definição de sua verdadeira identidade, somente expressa pelo corpo.
- Classe e sexualidade estão intimamente ligadas. Com a ascensão dos padrões burgueses de comportamento, a própria palavra sexualidade pode ser relacionada e necessidade de a burguesia do século XX diferenciar-se do resto da sociedade. Os padrões comportamentais da classe operária por muito tempo se mantiveram os mesmos, Não eram melhores nem piores.
- A definição dos termos homossexualidade e heterossexualidade marca um estágio crucial na definição e delimitação modernas da sexualidade. O próprio termo heterossexualidade só foi criado para se distinguir do termo homossexualidade, ou seja, a forma “anormal” da sexualidade. Antes disso a homossexualidade era vista como sodomia, algo específico de uma pessoa.